



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM DANÇA

LEONARDO LUZ

**A INVISIBILIZAÇÃO DO ARTISTA CRIADOR NEGRO
NO CONTEXTO DA DANÇA**

Salvador
2023

LEONARDO LUZ

**A INVISIBILIZAÇÃO DO ARTISTA CRIADOR NEGRO NO
CONTEXTO DA DANÇA**

Pesquisa em Dança apresentada ao programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia, para conclusão, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Benfica
Guimarães

Salvador
2023

Dados internacionais de catalogação-na-publicação
(SIBI/UFBA/Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa)

Luz, Leonardo.

A invisibilização do artista criador negro no contexto da dança / Leonardo Luz. - 2023.
56 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Orientadora: Profa. Dra. Daniela Bemfica Guimarães.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2023.

1. Dança. 2. Dança moderna - Brasil. 3. Dança moderna - Aspectos sociais - Brasil. 4. Negros na arte. 5. Racismo na arte. 6. Brasil - Relações raciais. 7. Criação (Literária, artística etc.). I. Guimarães, Daniela Bemfica. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança. III. Título.

CDD - 793.30981
CDU - 793.3(81)



Ministério da Educação
Universidade Federal da Bahia
Programa de Pós-graduação
Profissional em Dança
Mestrado Profissional



**ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL DO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM DANÇA UFBA –
PRODAN**

Aos vinte e oito dias do mês de setembro de dois mil e três, às 9h, no Teatro Experimental da Escola de Dança da UFBA, foi realizada a **Defesa do Trabalho de Conclusão do Curso do Mestrado Profissional de Dança da UFBA de LEONARDO AUGUSTO LUZ ALCÂNTARA SILVA** intitulado “**A INVISIBILIZAÇÃO DO ARTISTA CRIADOR NEGRO NO CONTEXTO DA DANÇA**”, com a presença da Banca de Avaliação composta por: Professora Doutora Daniela Bemfica Guimarães, orientadora, docente do PRODAN/UFBA e presidente da banca; Professor Doutor Fernando Marques Camargo Ferraz, membro interno, docente do PRODAN/UFBA; e o Professor Doutor Eusébio Lobo da Silva, membro externo, docente aposentado da Universidade de Campinas (Unicamp/SP). Dando sequência à abertura, o mestrando fez a exposição do seu trabalho e, em prosseguimento, cada membro da Banca procedeu à arguição em relação ao trabalho apresentado. Após a finalização dessa etapa, a banca reunida emitiu o parecer conjunto final e indica pela aprovação do trabalho, concluindo assim que **LEONARDO AUGUSTO LUZ ALCÂNTARA SILVA** está apto a receber o título de Mestre em Dança pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança-UFBA. Ao final, lavrou-se a presente ata que será assinada pelos membros da Banca e o mestrando. Em 28 de setembro de 2023.

Leonardo Augusto Luz Alcântara Silva
Daniela Bemfica Guimarães
Fernando Marques Camargo Ferraz

Ana Carolina dos Santos Silva

Eusébio Lobo da Silva
Fernando Marques Camargo Ferraz

Antonio B. Brandão

Coord. do Curso de Mestrado
Profissional em Dança.
Programa de Pós Graduação Profissional
Escola de Dança da UFBA
Mat. SIAPE 0285793

REINARDO AMORIM DE SOUSA
Ana Eleonora Luz A. Silva
Ana Carolina Luz Alcântara de Santana.

Título: A INVISIBILIZAÇÃO DO ARTISTA CRIADOR NEGRO NO CONTEXTO DA DANÇA

Resumo:

A dança contemporânea brasileira, como forma de expressão artística, tem sido influenciada por uma rica tapeçaria cultural e histórica. No entanto, a presença e o reconhecimento do artista criador negro neste contexto enfrentam desafios significativos, resultando em uma invisibilização persistente. Apesar dos desafios, muitas pessoas negras, artistas, na cena da dança contemporânea brasileira têm adotado estratégias criativas e resilientes para enfrentar a invisibilização. Isso inclui a criação de coletivos, festivais e iniciativas que promovem a nossa visibilidade, bem como a colaboração com outros artistas e movimentos sociais para amplificar nossas vozes e narrativas. Essas estratégias têm desempenhado um papel fundamental na abordagem do problema da invisibilização, mas também destacam a necessidade de mudanças estruturais mais amplas na dança contemporânea brasileira para garantir uma representação mais justa e equitativa de artistas criadores negros. Esta pesquisa apresenta reflexões a partir da memória/trajetória do artista negro Leonardo Luz apontando implicações de raça e classe no ambiente profissional da arte dança.

Palavras-chave: Dança; Processos criativos; Representatividade; Racismo.

SILVA, Leonardo A. L. A. A Invisibilização do Artista Criador Negro no Contexto da Dança. 2023. 56f. TCC (Mestrado Profissional em Dança) Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2023.

Title: THE INVIZIBIZATION OF THE BLACK PERSON CREATOR IN THE PROFESSIONAL DANCE CONTEXT.

Abstract:

Brazilian contemporary dance, as a form of artistic expression, has been influenced by a rich cultural and historical tapestry. However, the presence and recognition of black creative artists in this context face significant challenges, resulting in persistent invisibility. Despite the challenges, many black people, artists, in the Brazilian contemporary dance scene have adopted creative and resilient strategies to face invisibility. This includes creating collectives, festivals and initiatives that promote our visibility, as well as collaborating with other artists and social movements to amplify our voices and narratives. These strategies have played a fundamental role in addressing the problem of invisibility, but they also highlight the need for broader structural changes in Brazilian contemporary dance to ensure fairer and more equitable representation of black creative artists. This research presents reflections based on the memory/trajectory of the black artist Leonardo Luz, pointing out implications of race and class in the professional environment of dance art.

Keywords: Dance; Representativity; Artistic process; Racism.

SILVA, Leonardo A. L. A. A Invisibilização do Artista Criador Negro no Contexto da Dança. 2023. 56f. TCC (Mestrado Profissional em Dança) Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2023.

SUMÁRIO

1. Introdução	6
2. Percorso Prodan: Mestrado Profissional em Dança UFBA	15
3. Produções Profissionais no Percorso Prodan	
3.1 C o v i d - 19 #corpo#onírico#vida#isolamento#dança	25
3.2 Núcleo EUS & Mostra Etnografias Urbanas Subversivas	27
3.3 Quebra-cabeça: máscaras no espelho	29
4. Produção Intelectual	
Artigo: A FALTA DE REPRESENTATIVIDADE OU A INVISIBILIZAÇÃO DO CORPO NEGRO NA CENA DA DANÇA NO BRASIL.	39
5. Produções Finais	
5.1 Caderno Comentado: DIÁRIO CONFSSIONAL	47
5.2 Solo	48
6. Um último comentário	49
Bibliografia	52
Anexos (fotos e ilustrações)	54

“A explosão não vai acontecer hoje.

Ainda é muito cedo... ou tarde demais.

Não venho armado de verdades decisivas.

Minha consciência não é dotada de fulgurâncias essenciais.

Entretanto, com toda serenidade, penso que é bom que certas coisas sejam ditas.”

(Frantz Fanon. 2008, p25)

1. INTRODUÇÃO

Certo dia, de um incerto tempo, numa ensolarada cidade tropical, nasceu um jovem “colorido”.

Tão colorido que sua família discordava ao incentivá-lo, sobre afirmar ou negar as suas cores. Os mais cautelosos o incentivavam assertivamente a ficar calado. Quietos!

Ele cresceu como a criança que queria ser perfeita. Seja lá o que isso signifique...

Quando chegou o tempo de “escolher o que fazer da vida”, dentre as possibilidades que se apresentavam, tudo que ele queria era ser bonito. Amado. Viver pela beleza e pelo prazer.

Arrumou muitos problemas ao fazer essa “incompreensível escolha”, mas seguiu. Amado pela sua mãe que mesmo não gostando, concordando ou entendendo, o protegeu. Aprendeu a dançar. Nas vias de se consolidar nessa tal dança que o fazia belo, a mãe que lhe protegia, morreu. E sentindo-se frágil e solitário, ele sofreu e só arrumou mais problemas.

Descobriu que não mais seria amado sem retribuição, não estaria mais protegido sem subserviência. Persistiu.

Seguiu a carreira, o trabalho e mesmo passando por dificuldades, de alguma forma iludiu-se reconhecido. Quando já começava a se acostumar, alienado por

essa sensação ilusória de reconhecimento, o seu não tão próximo ou protetor pai, também morreu, e ele que acabara de também se tornar pai, se desestabilizou.

Sabemos o quanto a fragilidade no ser masculino é repudiada, na sociedade racista patriarcal machista e nesse ponto, enfraquecido e confuso ele sofreu um revés daqueles que nos ensinam sobre o mundo, e estouram a bolha alienante que nos mantem ingênuos.

Numa reviravolta, um fato comum na vida de muitos outros jovens coloridos, mas, jamais imaginado por ele, se sucedeu. Sem culpa, incriminado por um desconhecido, foi preso.

Recebeu então violentamente a consciência da sua impotência e desvalor, nesta mesma cidade que sempre amou. Logo esse homem que tanto se dedicou à beleza, vivia o pavor de um reflexo horrendo sobre si.

O garoto que outrora desejava ser, ou ao menos parecer, perfeito, colapsava agora para aprender a aceitar os olhares de dúvida e desconfiança que sempre ignorou, e que no seu coração pareciam inéditos, mas que na realidade só descortinavam a fantasia em que os alienados, ignorantes de que estão destituídos de escolha, infantilmente vivem.

Confuso e alquebrado, já novamente arruinando suas relações, ele fugiu. Refugiando-se num território violento e carente, onde pela aridez e ignorância das pessoas que encontrou, ele se sentiu necessário.

Trabalhou muito, se submeteu, fingiu solidez e novamente se iludiu, acreditou estar investindo num caminho de consideração e segurança, e dessa vez orgulhoso e prepotente foi arrastado na enxurrada das suas próprias, instáveis emoções.

Não mais conseguiu seguir com o trabalho e as relações que tanto considerava.

Desconsiderou.

Chorou.

Temeu.

Já não sabia como viver, e sem espaço para abrigar o tamanho desse não saber, quis desistir.

Desistiu.

Mas a incompetência que já há algum tempo se apresentava, operou. Ou assim o quis o acaso. E ele teve que novamente aprender a vergonha, mas dessa vez não havia ninguém para culpar. Só lhe restou recomeçar.

O tempo seguiu e ele ainda anda por aí. Desconfiadamente perambula, de volta à cidade ensolarada, tentando reaprender a si mesmo. Tentando caminhos diferentes na mesma paisagem. Tentando se esquivar das ondas cármicas das suas escolhas, e quando não há esquivas ou fuga possível, aprender a serenidade de se dar a correnteza e aceitar a instabilidade da existência para poder continuar respirando o ar da superfície, e quem sabe ainda realizar algo de belo, e viver algo prazeroso, enquanto durar esse tempo, até voltar ao estado de molécula. (L.L.2021)

Iniciei este texto memorial com uma narrativa pessoal, tentativa de resumir uma retrospectiva emocional de momentos importantes numa vida, minha vida, que sujeito e objeto nas investigações desta pesquisa. Trago aqui o reflexo causado pelas impressões deixadas pela leitura do livro, *Pele Negra – Máscaras Brancas*, do autor revolucionário negro Frantz Fanon (1925-1961). Primeira oportunidade de pôr em perspectiva certos fatos vividos, através de uma abordagem psicanalítica confrontada com os estigmas sociais desenvolvidos pelo racismo. Foi assim que veio à tona o desejo de desmontar, ou remontar o quebra-cabeça de como me vejo, e a sugestão de como ele(eu) está submetido às impressões e papéis sociais de determinação externas à minha compreensão de então.

Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia de desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos. Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraíndo-me do mundo, me entregou ao mundo. Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei curioso, e exigi explicações... Não adiantou nada. Explodi. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu. (FANON,2008. p103)

De fato, a necessidade de levar a termo e trabalhar essas experiências, surgiu de forma artística, com o início do desenvolvimento de uma cena solo, que abordava as questões a cerca de uma vivência de arbitrária violência, encarceramento e injustiça. E apesar de ter apresentado essa cena algumas vezes, a sensação de incômodo geral ao tratar do assunto, gerou um isolamento profissional e com isso o trabalho não encontrou a possibilidade de avançar. Nesse momento então, eu não conseguia visualizar os interlocutores a quem interessaria discutir essas questões, e o círculo social onde me encontrava, só dava sinais negativos.

Nesse ponto há a sugestão de que muitos dos problemas que encarava como de ordem pessoal e de valor ou capacidade, estavam em outro patamar de discussão. Começavam a se delinear aí, problematizações sobre raça e classe, que nunca havia sido estimulado a aprofundar e, conseqüentemente, apresentava-se uma enorme quantidade de conhecimento que, apesar ser uma pessoa preta com acesso a educação de nível superior pública, na cidade de Salvador, no estado da Bahia, no Brasil, eu não dispunha.

Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas. (ALMEIDA,2019, p18)

Seguiu-se a isso que, observando estatisticamente a constituição da população brasileira (IBGE), para comparação, cuja sociedade ostenta pujante produção cultural, com diversos eventos de difusão da dança como atividade artística profissional. Saliento que ainda sejam raros os artistas, pessoas negras, contemplados com a presença dos seus trabalhos nessas mostras. Só para citar um exemplo, a Bienal SESC de Dança (2017), realizada na cidade de Campinas/SP, da qual participei como dançarino de um trabalho convidado, um dos mais importantes eventos de dança no país, em 11 dias de intensa programação, apresentou apenas 4 trabalhos propostos por criadoras ou criadores negras e negros. Vivi, e estão registrados na minha trajetória, outros

exemplos como este, em eventos semelhantes, ao longo destes mais de 25 anos de experiência profissional. Este fato extrapola a sugestão meritocrática das competências individuais, ou seja, de que não haveria trabalhos inscritos com qualidade artística ou relevância, propostos por pessoas negras para essas mostras, e aponta ou sugere, implicações entre raça e classe que segregam. Ver sobre isso espaço de circulação e visibilidade desses corpos-discursos: “O conceito de racismo institucional designa práticas institucionais que não levam necessariamente a raça em consideração, mas que mesmo assim afetam certos grupos raciais de forma negativa.” (MOREIRA, 2018, p34,35).

Propus aí uma questão que poderia gerar um objeto de pesquisa: Há visibilidade do artista criador, pessoa negra, no contexto da dança?

Como sujeito implicado nas delimitações da questão, começava a buscar modos e contribuições que apontassem formas de resistência e ou caminhos de saída dessa condição. Aqui vejo necessidade de fazer uma retrospectiva da minha trajetória como artista da dança, que creio que justificam e amparam algumas das escolhas que fiz até esse ponto, sendo também um rastro para as articulações que me foram possíveis realizar: “Quando falo em percurso, refiro-me aos rastros deixados pelo artista e pelo cientista em seu caminhar em direção à obra [...]” (SALLES, 1998, p13)

As primeiras vivências artísticas em dança que tive oportunidade de estar aconteceram no final do ano de 1995, período em que participava de grupos de dança chamados “folclóricos”, e aqui justifico que coloco o termo entre *aspas* por sabê-lo uma expressão datada e com muitos estudos e atualizações aos quais não vou me ater neste relato, mas ainda assim necessário ao testemunho de um período vivido. Nesta mesma época, eu procurava espaços de aprimoramento artístico e fui orientado por outros participantes mais experientes, a buscar a Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia - FUNCEB.

Já no primeiro contato com a escola, me candidatei a uma vaga no Curso Profissionalizante, onde, mesmo com a pouca experiência anterior, ingressei na turma de 1996. A partir daí, pude conhecer melhor os ambientes da dança profissional em Salvador que tinha naquela época, entre suas principais referências, o Balé do Teatro Castro Alves, o Balé Folclórico da Bahia, alguns

grupos independentes como a Cia Jorge Silva, Balé Rural (Marcelo Moacy), Cia Mantra (Fátima Suarez), Grupo Gênese (Mestre King) e os grupos ligados à estrutura da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia que, vale ressaltar, pareciam ao meu limitado olhar de então, pertencer a um outro universo.

Enquanto progredia no curso técnico, que possuía então a habilitação do magistério no ensino médio, passei a frequentar as aulas abertas do Grupo Gênese, dirigido e produzido pelo Mestre King, Raimundo Bispo dos Santos, que tinha, para além do fazer artístico, um forte comprometimento com a formação, oferecendo aulas e realizando espetáculos de forma aberta e gratuita em espaços públicos e escolas de bairros periféricos em Salvador e algumas cidades do interior do estado. Esse senso de compartilhamento com o coletivo e responsabilidade, oportunizou a mim e a muitas e muitos artistas, negras e negros em sua maioria, muitas e muitos socioeconomicamente vulneráveis, antes e depois de mim, realizarem o intento de construir suas vidas através da profissionalização artística. Devo a esse encontro, muito mais que referência, a sua representatividade.

Na etapa de conclusão do curso na FUNCEB, estava também atuando com o artista, professor, coreógrafo, diretor, iluminador Paco Gomes, Ademir Gomes de Jesus, que também havia estudado com o Mestre King e continuava seu colaborador. Observei nesse período a forma colaborativa de produção desses grupos que incluíam aí também as ações de Jorge Silva e ainda Matias Santiago, atuando, quase sempre com pouco ou nenhum apoio financeiro, mas assim como o Mestre King, com o compromisso de incentivar e apoiar a formação de novos artistas e difundir sua produção em espaços que oportunizaram e deram visibilidade a outras e outros artistas sem apoio.

Assim surgiram, por exemplo, mostras como a Sexta Cênica, que era realizada na Escola de Dança da FUNCEB, e a mostra Tabuleiro da Dança, que começou no auditório do Liceu de Artes e Ofícios e depois assumiu forma itinerante. Essas experiências, se tornaram influências determinantes nos percursos profissionais que trilhei, sendo referência do meu modo de produzir e pensar ações de formação e difusão da arte/dança.

Isso posto, quando passei a atuar em outros espaços da dança profissional, a ver, formação de nível superior e projetos de grande porte, sempre com pouca ou nenhuma outra presença de pessoas negras, mesmo permanecendo em Salvador, os motivos emergiram.

Nas sociedades de classes multirraciais e racistas como o Brasil, a raça exerce funções simbólicas (valorativas e estratificadoras). A categoria racial possibilita a distribuição dos indivíduos em diferentes posições na estrutura de classe, conforme pertençam ou estejam mais próximos dos padrões raciais da classe/raça dominante. A definição inferiorizante do negro perdurou mesmo depois da desagregação da sociedade escravocrata e da sua substituição pela sociedade capitalista, regida por uma ordem social competitiva. Negros e brancos viam-se e entreviam-se através de uma ótica deformada consequente à persistência dos padrões tradicionalistas das relações sociais. (SOUZA, 1983, p.20)

Foram esses motivos e vivências, agregados a diversas experiências traumáticas, tratadas como naturais, dadas as diversas formas de violência que são comuns às estratégias de dominação nesta sociedade, que geraram os estímulos criativos aqui defendidos, que também são ímpetos de resistência e sobrevivência.

Revisitando os sentidos dos mais velhos citados aqui, num movimento quase intuitivo, busquei o apoio de outros artistas pretos, que assim como eu, estavam à procura de formas de contar suas histórias. Histórias de vida invisibilizadas, que estavam lutando por espaço de expressão pela arte/dança. E a forma encontrada, era um ambiente de apoio mútuo, onde a perspectiva coletiva, não anulasse a voz individual. Diversos “eus” atuando em colaboração e buscando ainda outros interlocutores para nossas questões. Uma rede proteção. Um quilombo de ideias marginalizadas.

Esse encontro em que, junto comigo, inicialmente agregaram-se os artistas Bruno Novais, Jordan Alves e Vinícius Revolti, gerou o Núcleo EUS. E este grupo produziu o evento Mostra Etnografias Urbanas Subversivas, que reuniu artistas pretas e pretos, periféricos e LGBTQIAP+, com trabalhos de também diversas formas de arte, gerando visibilidade e intercâmbio entre artistas e fortalecendo a

ideia de valorização e representatividade dos nossos trabalhos, nos aproximando também de outros grupos sociais, com os quais, antes, não tínhamos interlocução. Esse espaço estimulou e colaborou para a criação e desenvolvimento de trabalhos artísticos, que assim como meu solo, eram urgentes aos seus criadores. Artistas estes, com os quais ainda hoje sigo compartilhando impressões, ideias, modos e caminhos para produzir e trabalhar as questões que nos afetaram e afetam a cada momento, e que ainda se fazem caras e necessárias às nossas criações.

2. PERCURSO PRODAN: MESTRADO PROFISSIONAL EM DANÇA UFBA



* <Para todos verem> Imagem em técnica de colagem de fundo azul sobreposta de formas curvilíneas e onduladas em outros tons de azul e lilás. Na parte inferior ao centro há a figura (foto em preto e branco) do tronco de um homem de pele negra onde está escrita em branco, a palavra poder. A cabeça dessa figura é sobreposta por uma concha coral. Acima da cabeça está um a imagem de um pneu de carro, onde, no orifício central está a imagem do mar.

Engarrafamentos Produções Pensamentos.

Jogar jogando...

Desde o “BORI”

Desde o “BORI” enveredamos em experiências criativas, caminhando em sentidos diversos por propostas, produtos e processos.

BORI Performance Arte: Oferenda à Cabeça, de Ayrson Heráclito, fez parte da programação da décima terceira edição do Festival IC - Interação e Conectividade, e foi apresentada no dia 21 de agosto de 2019, no Teatro Experimental, na Escola de Dança, na ocasião também inaugurávamos os trabalhos na primeira turma do Mestrado Profissional em Dança/PRODAN.

Neste emaranhado de informações, flagrei-me flutuando sobre os princípios da ação criativa, sem, contudo, me estabilizar num objeto. Entendo agora o que valorizei neste momento, e o quanto ele foi positivo. Visto que essa etapa se mostrou amplamente enriquecedora, para experiência livre de criar, em várias lógicas e organizações compositivas. Esta manutenção constante do estado de criação se relaciona com a ideia de deriva, trazida pelo Professor Eduardo Oliveira, em que o arquétipo mitológico de Oxaguiã, simboliza o princípio criativo, criador de reinos, cuja característica principal é a impermanência, como sugestão contrária ao controle, de onde então não podemos criar.

Me identifiquei diretamente com essas relações, encontrando ali aproximações com a minha própria forma de sentir e lidar com a criação artística.



<Para todos verem>À esquerda imagem noturna de automóveis num engarrafamento. À direita cartaz com o fundo na cor grená do evento IC - Interação e Conectividade – Arte e Outras Magias. Abertura Oficial: Performance Bori: Oferenda à Cabeça. De autoria de Ayrson Heráclito. Local: Teatro Experimental/UFBA. Gratuito. No centro, na parte inferior um homem deitado, de calças brancas e tronco nu, com a cabeça e a parte superior do tronco coberta de pipocas.

No componente curricular **Tópicos Interdisciplinares em Dança e contemporaneidade**, tivemos o privilégio de ouvir e compartilhar ideias com vários professores convidados, e trago aqui um breve comentário sobre alguns desses encontros.

Quando recebemos a Prof.^a Dr^a Ludmila Pimentel, ela abordou tecnologia, falou que através de registros de vídeos pode-se ter uma longevidade, pode-se estar

em festivais sem custo, podemos nos reinventar. Criar arquivos do próprio corpo. Encontrando assim uma perspectiva para novas atuações. Desconfigurar o corpo através de autores, e outras formas/ possibilidades de se dançar.

Foram diversas as discussões e encontros que trouxeram reflexões de como todos os espaços são espaços de aprendizagem, e afirmaram que contextualizar é uma maneira de compreender o objeto. Falaram sobre a escuta, do sensível (quem quer dizer e quem quer ouvir) e sobre pluralidade. Todas as áreas precisam “conversar” entre si, em multi-referencialidade. E criticaram a imposição de padrões através da mídia, e a “lavagem cerebral” que a mídia impõe à maioria da população.

O também Prof. Dr. Leonardo Sebiani falou de construção identitária, sobre corpo mestiço e corpo vibrátil. Sobre latinidade, o ser mestiço, e o ser latino e o racismo relacionado a isso. O não querer ser índio na Costa Rica, ou seja, as vivências pessoais, relacionadas à latinidade.

Manfred Stoffl, diretor do Goethe Institut na Bahia, fez a apresentação de um ICBA (GOETHE INSTITUT) até então desconhecido, com trabalhos articulados com as minorias, residências, um trabalho que não é amplamente divulgado. Articulando tudo como uma forma de compreender a relação teoria/prática.

Fui estimulado então, a revisitar um exercício de “linha do tempo”, proposto como atividade introdutória deste curso, minha primeira reação foi cogitar, “o que quis” *versus* “o que posso” apresentar como trajetória, nesse espaço institucional, normativo e seletivo, no qual figurei como um dos recém aceitos. Isto está intimamente ligado a questões que trago comigo, antes mesmo de estar consciente delas. Questões que envolvem elementos, alguns explícitos no meu estado de ser, na minha condição, como humano. Características das quais, socialmente, derivam estereótipos impulsionadores de preconceito e discriminação, que por sua vez são determinantes da condição social da maior parte da população brasileira. Vale a pena lembrar que as implicações sociais aqui sugeridas (colonialismo, escravidão, racismo), são problemáticas já amplamente identificadas e discutidas, porém ainda não detecto que haja reparação que verdadeiramente equilibre a balança. As gerações de descendentes de escravizados continuam herdando as mazelas destas

questões, enquanto descendentes dos colonizadores, se esquivam e negam responsabilidade, ao tempo em que normalizam seus privilégios.

Quando proponho que há “invisibilidade do lugar de fala do artista/criador negro na dança contemporânea do Brasil”, estou dizendo que como corpo/sujeito/artista neste país, me percebo pouco visto/ouvido ou representado nos lugares de poder. Com isso, também estou afirmando que os espaços ocupados pelas ocorrências da chamada dança contemporânea, são espaços de poder.

Quando intencionei “Mapear a atuação do artista/criador negro nos principais eventos da dança contemporânea do Brasil” estava apontando o absurdo desta discrepância, neste país obviamente negro.



No componente **Abordagens e Estratégias para Pesquisa em Experiências Artísticas em Dança**, me propus um exercício de autoavaliação nos processos vivenciados.

Discutir o lugar dos corpos das pessoas negras na dança, considerar as perspectivas éticas, relações de poder e construção de discursos de empoderamento étnico-social através de processos criativos, não é tarefa simples, mesmo numa instituição de reconhecida vanguarda. Em contraponto a esta capacidade de exercer o novo, está a tradicional realidade de consumir processos discriminatórios, ostensivos ou subliminares, mas corroborantes à exclusão de minorizados. Exatamente por essa perspectiva, questionar essas relações fricciona o estabelecimento dos privilégios e tensiona seus beneficiários. Incomoda.

Reconhecendo o quanto essas questões problematizam as relações, considero exemplar e digna de menção a forma como foram conduzidos os processos, de forma que me senti contemplado e acolhido nas abordagens às questões trazidas por mim para a pesquisa, o que tornou o trânsito do meu processo estimulante e verdadeiro.

Em meio a este clima de entusiasmo, foi intensa a produção de ideias, e confesso, neste momento de avaliação, que talvez a intensão de desenvolver vários produtos (artigo, solo, evento) tenha sido um pouco pretenciosa. Há também a demanda de desenvolvimento mais profundo dos conceitos sociológicos que amparam o tema e dialogam com o processo criativo propriamente dito que competem na distribuição do tempo, lembrando com isso que temos restrição de tempo para a pesquisa, porque, como estudantes de pós-graduação não bolsistas, temos horários formais de trabalho, o que dificulta o seu aprofundamento. Seguiremos!

Ao longo desse curso, acumulamos algumas experiências muito valiosas. Particularmente, pude através do programa, amadurecer meu processo criativo através de apresentações do solo como “work in progress” e experiências de comunicação do projeto de pesquisa para um público especializado, no 6º Encontro da ANDA e ainda experimentar o conceito do evento nas cinco edições da Mostra Etnografias Urbanas subversivas.

No componente **Tópicos Especiais: Criação Audiovisual na Interação com Dança**, que informalmente apelidei de “criação fílmica” durante o semestre suplementar em 2020, construí este relato, onde faço uma reflexão sobre a experiência nesse componente, assumindo que, apesar do esforço em acompanhar os encontros, a quantidade de tarefas laborais em que estive/estou envolvido, dificultou sobremaneira a realização dos exercícios, e em dificuldades de refletir em tempo real. Provocou frustração e desestímulo, alimentados por um torpor emocional que acredito ter sido potencializado pelo isolamento, necessário à segurança sanitária, durante o período sem vacinas, da pandemia da COVID-19.

Percebo agora que, sem me dar conta, comprometi meus estudos, me perdendo no gerenciamento de três atividades laborais simultâneas, que me ofereceram segurança financeira neste período, mas que inviabilizaram estruturalmente a minha produção no curso.

Percebo, contudo, que o esforço em acompanhar os encontros, e a apreciação do trabalho dos colegas renderam também aprendizados, que foram compartilhados nas atividades laborais as quais me referi acima, orientando o desenvolvimento de trabalhos artístico pedagógicos no projeto em que atuei com aulas remotas on-line, pela Prefeitura de Dias D’Ávila e na produção e colaboração em trabalhos artísticos do Espaço Cultural Anselmo Guarany Kaiowá, onde residia.

Me propus então, a apresentar trechos de um dos trabalhos que realizei, onde encontro referências dos exercícios propostos, sabendo, contudo, dos limites dessa investida, uma vez que não os refletem integralmente e que foram o aproveitamento de imagens já gravadas. Esse trabalho, foi inscrito e contemplado no edital emergencial da FUNCEB, Edital Calendário das Artes 2020 - 8º edição, da Fundação Cultural do Estado da Bahia onde está publicado em seus canais, na plataforma Youtube. E apresento aqui, a seguir, a escrita de inscrição e referências deste trabalho.

“Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje!”

(Ditado lorubá)

Me inscrevi no componente **Narrativas Etnográficas Urbanas**, por indicação de Luíza Meireles, uma colega do mestrado profissional em dança e parceira de pesquisa, nesta universidade, que viu em minhas buscas, conexões com os conceitos propostos... Ou pelo menos, ela achava... E acertou. Realizo desde 2019, uma mostra artística que convida sujeitos, artistas criadoras e criadores pretas e pretos, que apresentam nos seus trabalhos narrativas de fragmentos ou episódios de suas próprias vidas, que desenvolvem processos artísticos que contêm discursos/performances que denunciam as mazelas que vivem, implicam e subvertem os limites impostos por marcadores sociais, território, identidade, raça, gênero e classe na nossa sociedade. A busca por esses interlocutores associava-se de forma também implicada com teorias das ciências sociais que delimitam e problematizam o racismo estrutural, a interseccionalidade, o racismo recreativo, o lugar de fala, a representatividade. Essa mostra que foi intuitivamente batizada de **Etnografias Urbanas Subversivas**, foi o que me trouxe até aqui. O encontro com as **Narrativas Etnográficas Urbanas**, preenche uma lacuna conceitual que existia nas intenções da pesquisa.

De forma libertadora, pude me desgarrar do “achismo” pueril em que me encontrava, para finalmente enxergar a potência que a narrativa etnográfica, bem-produzida pode agregar a minha pesquisa, oferecendo subsídios estratégicos para as minhas escolhas, observação e escrita, para além de uma metodologia, como explicitou o primeiro texto, “Etnografia ou Teoria Viva” (PEIRANO, 2008).

Me chama a atenção na abordagem aplicada, a diversidade de aspectos da observação reveladas no acompanhamento dos textos, em que, camada após camada, foram sendo atribuídas novas formas e objetos, de modo cada vez mais profundo na complexidade da vida urbana.

É a partir da aula 06, nos trabalhos contidos no livro **A RUA**, onde começo a identificar, por rastros comparativos, uma perspectiva que começa a contemplar

as minhas intenções de pesquisa. O trabalho do Michel Argier impressiona na desconstrução da ideia generalizada dos espaços e modos de vida urbanos, me levando a refletir paralelamente sobre os muitos espaços invisibilizados e ocupados precariamente na arte e em outros territórios, que também subvertem ideias generalistas vigentes. Isso me interessa!

Outro texto importante, esse de maneira mais completa, **DA RUA PARA O MUNDO** de Lúcia Ferro apontou-me referências e estrutura para observação de práticas culturais, algo que se relaciona intimamente com o meu objeto. Também há proveito no minucioso detalhamento e no tratamento das dificuldades e desafios do trabalho.

Não menos importante, é a inter-relação analítica, trazida por Frangella e Rui no texto “Corpos Precários”, entre o corpo e o mundo social, onde apontamentos sobre a identidade corpórea indicam construções acerca de “raça, gênero e outras diferenças” (FRANGELLA & RUI, 2017) como condutores da precarização desses corpos-sujeitos, ascendendo à ideia as teorizações de Achille Mbembe.

Todos eles dialogam com a perspectiva de corpos, ou como prefiro e segundo Merleau-Ponty, corpos-sujeitos, que estando em movimento subvertem a lógica opressora sobrevivendo, transformando e tensionando os espaços urbanos, em outras práticas de sociabilidade. No campo da arte, encontro problematizações semelhantes, o que mantém esses trabalhos no meu horizonte de referências.

Diante dessas afirmações acredito caber no escopo da pesquisa as seguintes categorias:

- **Etnografia** (investigação sobre os corpos que interagem nos espaços urbanos, eventos e afins, através da expressão dança contemporânea);
- **Observação** (práticas e sociabilidades deste grupo);
- **Interação** (pesquisador implicado com questão);
- **Delimitação** (caracterização espacial);
- **Território** (caracterização espacial e subjetiva);
- **Identidade Territorial** (práticas comuns);

- **Som** (ambiente, musicalidade, palavras e expressões);
- **Corpo**

Em meio as muitas e reveladoras tensões políticas dos últimos anos, e o libertador alcance dos trabalhos de feministas negras e intelectuais antirracistas e decolonialistas, sobretudo no campo das ciências sociais, acredito ser esse um momento de potencial fricção em diversas camadas do *status quo* do privilégio. Sinto também, grande contemplação em vivenciar uma turma de pós-graduação diversa e inquieta. Pude ver e ser visto e cada contato com as pesquisas dos colegas apontava para esta direção. Me sinto também premiado com a escolha de um componente rico e bem conduzido, e que me deixa com mais vontade conhecer. Percebo que minha pesquisa ganha lastro e as ideias se consolidam com mais segurança a partir desse entendimento.

3. PRODUÇÕES PROFISSIONAIS NO PERCURSO PRODAN

Um dos primeiros disparadores dessa pesquisa foi o trabalho de criação do solo que intitulei Quebra-Cabeça: Máscaras no Espelho. As experimentações a que me propus, as dificuldades de produção e mesmo os desafios no tratamento do tema, é que foram apresentando as muitas implicações no entorno desta empreitada. A busca por apoio para a solução desses problemas, acabou por me levar a outras encruzilhadas criativas, e cada uma delas gerou seu próprio processo, no preenchimento das lacunas das tais questões sobre as quais me debrucei.

Apresentarei então, nas próximas páginas desse memorial as produções a que pude dar forma nessa jornada, as quais já indico, estão profundamente conectadas, ainda que à primeira vista, este fato não se explicita. Cada uma delas se desenvolve a partir do mesmo impulso indignado, mas também testemunha sobre o seu momento de concepção, trazendo sensações e atualizando reflexões sobre a dor e a revolta. Trazem também o rastro das adaptações, como condição de sobrevivência mesmo.

Nessas produções habitam os meus gritos por justiça, as minhas lamentações, a busca por aliados e por uma interlocução representativa e saudável. São autos de resistência, mas também de humilde persistência, uma vez que não possuem ambição maior que a de existir, reverenciar a ancestralidade que me gerou e encontrar aquelas e aqueles para os quais a nossa caminhada faz sentido.



C O V I D - 19 #Corpo#Onírico#Vida#Isolamento#Dança.

Qual um sonho, acordo numa realidade inesperada. A instabilidade do devir elastece o instante com tal potência que o corpo habituado a ação se descompõe. Em tempos de lutas sociais intensas e urgentes, vozes minorizadas e minoritárias levantam-se por direitos e espaços subtraídos. Para serem vistos, ouvidos, sentidos, em diversidade, em complexidade. Esta crise que fricciona o lugar do protagonismo social se amplia. E então o COVID – 19. Há que nos convida o COVID? O isolamento social que traz consigo, revisão de valores, atitudes, estratégias e sentidos. A solidão que desafia a interdependência. As novas vias de acesso para o afeto. A tempestade dos desejos. A implosão das rotinas. A emergência das subjetividades. Reflete com isso os estados incorporados subjetivos deste artista sujeito, compartilhando o íntimo de sensações, provocações e necessidades em diálogo possível, articulando a restrição da convivência social e as possibilidades dos espaços virtuais.

Esta performance expressão de vivência em isolamento, desdobra percursos possíveis num espaço/casa e “se implica da busca de modos ver, relacionar e criar espaços” (Guimarães, 2017, p.8) usufruindo do conceito:

“Corpo-itinerante: que é um corpo que, ao transitar, não somente vive a experiência do deslocamento, do estar entre lugares, linguagens, tempos, contextos, mas também se aprofunda no tempo da experiência. A experiência ocorrendo no fluxo, na continuidade, modo pelo qual Dewey (2010) vê a cognição através de continuidades empíricas.” (Guimarães, 2017, p.22)

Reflete com isso os estados incorporados subjetivos deste artista sujeito, compartilhando o íntimo de sensações, provocações e necessidades em diálogo possível, articulando a restrição da convivência social e as possibilidades dos espaços virtuais.

Está é uma proposta de difusão do trabalho vídeo/solo de dança, inédito, gravado durante a quarentena sob condição de isolamento social, intitulado C O V I D - 19 #Corpo#Onírico#Vida#Isolamento#Dança. Foi gravado e editado com aparelho celular, em formato mp4. Este projeto foi aprovado pelo Edital Calendário das Artes 2020 - 8º edição, da Fundação Cultural do Estado da Bahia, entidade vinculada à Secretaria de Cultura do Estado. Criação e performance: Leonardo Luz Imagens: Luana Serrat Música: Ítalo Oliveira Design: Bruno Novaes Produção: Núcleo EUS / Espaço Anselmo Guaraní Kaiowá

<https://youtu.be/dh7tRcUCIOw>

3.2 Núcleo EUS & Mostra Etnografias Urbanas Subversivas

Uma Mostra que exercita produção cultural de forma subversiva e referenciada em proposições pretas e periféricas. Concebida no ambiente artístico acadêmico da dança em 2019, como primeira ação, do também recém-nascido Núcleo EUS. Investe na busca de artistas parceiros na arte, que reflitam suas histórias nas obras que realizam e que se encontram invisibilizados pela estrutura racista, classista e machista da sociedade brasileira.

Foram cinco edições de uma mostra, 2 mostras no formato presencial que realizamos ainda em 2019, encontramos na estratégia de construção de redes de apoio e fortalecimento, a potência que mantém o nosso trabalho possível. É reconhecendo o outro que vamos conquistando espaço e amadurecendo o aprendizado coletivo. Formamos um “quilombo de ideias marginalizadas”, e nossa inspiração é a qualidade do movimento de Exu.

Em 2021 com o apoio financeiro do Estado da Bahia (Prêmio Jorge Portugal) através da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultural do Ministério do Turismo, Governo Federal. A mostra teve obras selecionadas por um grupo formado por curadores integrantes do núcleo e convidados, que selecionaram 26 trabalhos observando: Três espetáculos do Estado da Bahia e três espetáculos nacionais com duração de 30 a 60 minutos, 10 trabalhos com duração de 10 a 15 minutos, e 10 trabalhos com duração de 3 a 5 minutos. Todos os trabalhos selecionados receberam uma premiação a partir de sua categoria, sendo 10 prêmios de R\$300 para vídeos de 3 a 5 minutos, 10 prêmios de R\$600 para vídeos de 10 a 15 minutos e 6 prêmios de R\$1000 para vídeos de 30 a 60 minutos, totalizando as premiações em R\$ 15.000,00. As inscrições foram gratuitas e efetuadas exclusivamente por meio de formulário online, no período de 10 de fevereiro a 01 de março de 2021, através do site: www.nucleoeus.com.br

O evento MOSTRA ETNOGRAFIAS URBANAS SUBVERSIVAS, uma mostra com o mesmo nome do núcleo, para mostrarmos que essa será a nossa encruzilhada! Além de apresentações de obras, em sua maioria de dança, mas que também abarcam teatro, poesia, ilustração, circo, música entre outras linguagens, o evento desde suas últimas edições contempla ações como Slam, Xirê de saberes (roda de conversa), Oficinas e Residências artísticas. Pontuando que apenas na quarta edição, ganhamos apoio da Funceb através do Edital Emergencial Aldir Blanc (BA).

Conseguimos remunerar toda a equipe, premiar os ganhadores do Slam e pagar uma ajuda de custo para as obras, oficinairos e convidados do xirê. Além desse evento, essas ideias se desdobraram em outras ações no grupo, que já realizou duas edições do ESCRITA COLETIVA, coordenada por Bruno Novais, uma iniciativa autônoma que auxilia os estudantes de graduação da UFBA (Universidade Federal da Bahia, da qual todos os integrantes atualmente são estudantes) a escreverem projetos para concorrerem a uma ajuda de custo da instituição, para realizarem suas pesquisas artísticas. Produzimos também Lives, mediações de mesas e etc. Na última edição da mostra, em formato híbrido, com transmissão ao vivo, contamos com a parceria criativa da Cia. Sansacroma(SP) e produção técnica do Teatro Gamboa Nova.

Além de eventos, temos diversas obras artísticas do núcleo, sendo a maioria solos, pois foi a forma que encontramos, no começo, de produzirmos os nossos desejos com o apoio e produção, uns dos outros. Seguindo esse fluxo desenvolveu-se o nosso primeiro trabalho no qual o grupo todo está em cena, intitulado ODÉSSI, dirigido por Vinicius Revolti.

3.3 Solo Quebra-Cabeça: Máscaras no Espelho

Apresentarei aqui a escrita das ideias que foram dando forma a este trabalho cênico. Como relatei anteriormente, ele é fruto do primeiro impulso para esta pesquisa, e aborda aspectos emocionais da experiência do racismo vivido no Brasil, através experiências com o colorismo, relações afetivas multirraciais e encarceramento.

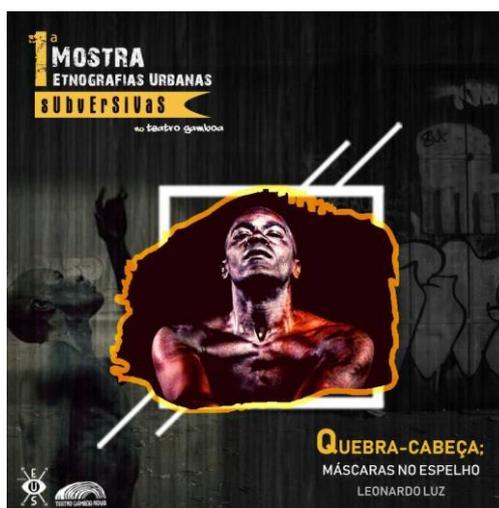


"As memórias são conteúdos de um continente da sua vida, da sua história, do seu passado, como se o corpo fosse o documento. Não é à toa que a dança para o negro é um momento de libertação. O homem negro não pode estar liberto enquanto ele não esquecer pelo gesto que ele não é mais um cativo." ¹

¹ Beatriz Nascimento (1942-1995) - Historiadora, poetiza e ativista negra (fala em trecho do filme "Ori" de Raquel Gerber).

Como reconhecer suas próprias máscaras no espelho?

Esse trabalho é o processo de montagem de um espetáculo solo, que se configura a partir de questionamentos/problematizações sobre a vivência do negro no Brasil, e um recorte para essa mesma questão no espaço da dança. Com motivações particulares óbvias (o fato de ser negro e profissional da dança), e, portanto, autobiográfico, essas explorações temáticas ganham exemplos na minha própria experiência de vida, e nos apontamentos encontrados em diversos depoimentos públicos sobre esse assunto. Transita também pelo universo das elaborações do Psicanalista e Filósofo martinicano Frantz Fanon (1925 – 1961) a respeito dos “processos de embranquecimento” e “alienação”, e confrontadas com experiências pessoais de preconceito, solidão, relações afetivas e busca por afirmação, que também são temas abordados por Fanon (2008). São abordagens em constante construção e desconstrução, que encontram nessa condição de instabilidade o rastro das criações contemporâneas de dança.



<Para todos verem> Card em fundo preto com fotografias do dançarino Leonardo Luz, um homem negro, com parte superior do corpo parcialmente colorida de prata, em marca d'água e em primeiro plano. No card está escrito: Primeira mostra Etnografias Urbanas Subversivas. Teatro Gamboa. Quebra-Cabeça: Máscaras no Espelho.

Querendo trazer visibilidade aos significados que estão invisíveis no corpo, escritos em movimento, e se mostrando (esse corpo) matéria, mídia e produto da dança, lanço-me ao desafio/risco da criação contemporânea na tentativa de entender seus meandros, e de me ressignificar como indivíduo na sociedade brasileira, e como profissional no campo da dança. É uma proposição de

resistência, que desafia a contraposição social brasileira ao indivíduo negro, que desafia o elitismo da arte contemporânea, que exige o reconhecimento completo da sua cidadania.

Alguns textos foram importantes e influenciaram algumas escolhas assumidas nesse processo. Por pretender dar forma a inúmeras sensações que precisei trabalhar, na concepção das cenas, trago aqui a transcrição de alguns trechos desses trabalhos que apontaram caminhos metodológicos e ofereceram inspiração para essa construção. Dentre eles:

Memória Corpo

Por Natália Alleoni

(...) LEAL (apud HUME, 2012) situa a memória como “o lugar para onde a percepção deve se deslocar a fim de esclarecer e confrontar os dados presentes com as impressões antigas. A memória tem seu status, por assim dizer, mais bem considerado, e surge como o acervo de dados passados, que permite a presença das impressões, das ideias e dos raciocínios sobre estas no espírito para além da aparição aos sentidos. Em última instância, é a memória que torna a inferência possível pela preservação dos materiais que se multiplicam como referências de aprendizado na percepção”.

Seja a memória um lugar, uma qualidade, um estado ou uma potência, o importante para essa pesquisa, é observar como que, essas marcas do passado (mais ou menos recentes) ressurgem ressignificadas depois de um tempo, em um processo de criação, por exemplo. São conteúdos que emergem por meio de imagens, lembranças, símbolos e emoções e reconhecê-los é de suma importância para a identificação do que deve permanecer ou se esvaziar quanto cena e, quanto conteúdo interno e principalmente, quanto linguagem e identidade artística.

É importante notar que a memória, seja ela observada por aspectos cognitivos, seja ela associada à ancestralidade ou reapropriação de acontecimentos remotos, ou seja, ainda ela, poeticamente grata ao esquecimento e, ou então, às lembranças e vivências de outrora é inevitavelmente uma competência do ser

humano e precisa ser respeitada num processo de criação em dança que tem como princípio norteador a trajetória de vida do sujeito. Só podemos entender determinados padrões, ou então, repensar frequentes respostas corporais, se observada à origem desses fenômenos, os aspectos físicos, psíquicos e emocionais (se é que esses aspectos podem ser observados separadamente) do sujeito que constantemente configura-se e transfigura-se no contato com o outro e consigo mesmo, seja nos encontros diários ou no exercício artístico.

O que permanece, o que esvazia, o que se ressignifica, o que se solidifica, o que se abandona ou ainda aquilo que adormece e surpreendentemente surge e arrebatam são conteúdos humanos, são vivências, lembranças, sensações, impressões que legitimam a existência do ser, que o fazem viver e não apenas existir, que fazem com que acontecimentos passados tenham valor no presente e que o presente tenha, além da potência da experiência do agora, a competência da construção do porvir e, portanto, a urgência do momento bem vivido. Somos então, não apenas o que lembramos, mas aquilo que esquecemos e depois lembramos e o que reesquecemos e então, modificamos e reinventamos.

Quando se estuda memória corporal, estuda-se junto à formação do sujeito, feito que ele é no presente, aquilo que ele foi no passado. Quando se estuda a memória, entendem-se o porquê de algumas coisas ficarem marcadas em nós como tatuagem e que, por mais que a compreendamos, elaboremos, ela ainda insiste em nos confrontar, como se, esperasse de nós, impiedosamente, uma resposta mais madura, mais atualizada.

E como diz Bergson (1999, pg. 63), “a bem da verdade, ela (esta memória) já não nos representa nosso passado, ela o encena; e, se ela merece ainda o nome de memória, já não é porque conserve imagens antigas, mas porque prolonga efeito útil até o momento presente.” É isso, o efeito útil que ainda permanece no presente em construção. (ALLEONI, 2013)²

² Semiose é um dos principais conceitos instituídos pelo lógico e filósofo americano Charles Sanders Peirce (1839- 1914) e consiste no processo de autogeração de signos. A Semiótica Perceiana, de forma resumida, pode ser entendida com uma teoria geral de signos, cuja tarefa é desvendar o que são e como operam os signos e, por meio deles, o próprio pensamento e, conseqüentemente, os modos pelos quais podemos compreender as coisas.

[...] Ainda é muito cedo... ou tarde demais.

Não venho armado de verdades decisivas.

Minha consciência não é dotada de fulgurâncias essenciais.

Entretanto, com toda serenidade, penso que é bom que certas coisas sejam ditas.

Essas coisas, vou dizê-las, não gritá-las.

Pois há muito tempo que o grito não faz mais parte de minha vida. [...]

Por que escrever essa obra?

[...]

Compreender e amar..." (FANON, 2008, p25)

Diante das reflexões acima, trago aqui uma escrita: **“SOBRE UM DIA DA MINHA VIDA”**, carta aberta publicada nas redes sociais em setembro de 2008.

“Respeite a Polícia!!!!”

É com imenso pesar.... (Não)

Seria com essa nada original expressão que eu Leonardo Luz, 32 anos, homem negro, artista, educador, estudante, CIDADÃO, deveria iniciar este relato sobre o fato de como tive meus direitos cerceados, fui humilhado, agredido, ameaçado, acusado e por fim, injustamente “Autuado em Flagrante”, pela sempre por mim respeitada Polícia Civil do Estado da Bahia.

Infelizmente, esse é só mais um caso, a fila é longa, e eu, só mais um. Imagino de que adiantaria gritar daqui a minha inocência, honra e moral aviltadas, se como arte-educador que sou, não refletisse sobre o que poderia ter motivado o infeliz equívoco dos policiais que me prenderam e autuaram.

Inclusive, não se trata do brado individual de quem se sentiu injustiçado. Mas antes, uma busca pela consciência de uma sociedade que continua a marginalizar os seus cidadãos negros. Também não é uma ofensiva contra a instituição em questão. Muito pelo contrário é um esforço para que, em tempos de imenso descrédito das instituições públicas, possamos cada vez mais confiar nesses servidores, porque deles precisamos.

Somos todos responsáveis, sejamos então empreendedores da nossa cidadania e da cidadania dos nossos semelhantes para que tenhamos que nos deparar cada vez menos com esses lastimáveis eventos que prendem e marginalizam os ignorantes e desamparados.

Relendo o professor Paulo Freire, me lembro que é necessário “Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, (...), é problemático e não inexorável.” (FREIRE, 2003, p24)

Como cidadãos devemos nos afastar dessa ideologia fatalista que nos imobiliza e cala. Em tempos de profundas discussões sobre o histórico preconceito sócio racial, ainda se faz necessário salientar que este tipo de desventura ofenda na sua maioria cidadãos negros e pobres.

Eu apanhei da polícia, por falar a verdade, ou seja, negar o que estavam me acusando. Esse tipo de experiência atinge os princípios pelos quais somos educados e educamos nossos filhos. Esse manifesto é um decisivo NÃO a esta realidade de injustiça e preconceito.

Convoco a todos aqueles que acreditam que podemos construir uma sociedade melhor.

RESPEITO.

Leonardo Luz

O FATO: No dia 30 de agosto de 2008, Sábado, por volta das 14:30, dentro da agência do Banco do Brasil – Cruzeiro de São Francisco - Pelourinho, Leonardo Augusto Luz Alcântara Silva (cliente correntista), foi preso por policiais da Delegacia de Proteção ao Turista, por supostamente ter colocado um aparelho vulgarmente conhecido como “chupa-cabra”, o qual é construído criminosamente para captura de dados e posterior clonagem de cartões eletrônicos, segundo os policiais, por denúncia do vigilante da referida agência. Foi conduzido à delegacia, apanhou ao negar acusação, foi algemado e por fim “autuado em flagrante” no ART. 171 c/c 14, Inciso II.

Ficou encarcerado até 01 de setembro de 2008, segunda-feira, quando foi solto, sob fiança, por volta das 11h.

CONCLUSÃO (ou não): O inquérito virou processo, ao qual respondi ao longo de 2 anos. O Banco do Brasil jamais entregou as imagens do circuito de segurança, e mesmo com todos os indícios da calúnia, o juiz não proferiu sentença de absolvição. Aconselhado pelo promotor (na minha frente!) a deixar o processo parado até a prescrição.

A seguir, apresento como roteiro a colagem de 5 cenas do Solo Quebra-Cabeça: Máscaras no Espelho que sobrepõem elementos encontrados nos experimentos de criação, o primeiro deles é a pigmentação prata, em referência as tentativas de mascaramento da cor. O segundo é o banco que ao mesmo tempo limita e reduz o espaço de atuação, representando o espaço social da pessoa negra, assim como um púlpito à objetificação do corpo negro. Todos demais elementos descritos a seguir, também serão representativos num percurso de denúncia e resistência e busca por alento.

ROTEIRO

Cena1 – No proscênio. Sobre um banco pequeno, o dançarino está nu, numa posição sentado/inclinado, na qual se equilibra apoiado pelo quadril, com os pés fora do chão. Está com a pele parcialmente tingida da cor prata. Outros dois bancos iguais estão enfileirados em diagonal? Deslocando-se em movimentos lentos e oscilantes o dançarino tenta manter-se sustentado, enquanto transfere seu apoio aos outros bancos, cruzando o palco.

Ao fundo há imagens abstratas (ou distorcidas, do rosto do dançarino/quebra-cabeça) projetadas, e o ambiente está preenchido de sons vibrantes e graves, as vezes entrecortados pelo som de sinos distantes.

O dançarino reverbera sensações sobre abandono, lamento e arrependimentos. Desequilíbrio/sustentação/gravidade/risco.

“Entre a queda e o chão.”

“Réquiem para o abandono.”

Cena 2 – No fundo do palco. O dançarino emborca os bancos de forma semicircular e por trás deles (proposta de substituição por projeção de grades) , começa a vestir uma série de peças de roupa.

Silêncio

São projetadas imagens cruas do vídeo/performance “Imagens Brutas” e um vídeo narrando em LIBRAS um relato de prisão.

Cena 3 – O dançarino avança pelo palco, alternando corridas, andadas (rotas circulares), movimentos espasmódicos e sequências estruturadas com saltos e quedas que aos poucos se desintegram.

Desencontro/procura/confusão/indeterminação/choque.

“Quando não vi que me olhava no espelho, critiquei e julguei o outro, sem saber que ele era eu.” (Leonardo Luz)

Referências: “Homem morto caminhando” (Dead Man Walking – Pearl Jam)

O dançarino arranca enfaticamente algumas peças de roupa e as joga pelo palco.

Cena 4 – O dançarino agora improvisa uma movimentação baseada em estruturas de danças afrobaianas e caribenhas e a repete até a exaustão... Descortina-se o músico que está executando a trilha e evidencia sua performance.

O dançarino vai do riso forçado ao desespero na cena que só termina quando ele não consegue mais executar a coreografia, “perdendo” o controle da sua coordenação (humor ácido). E exausto, sem o fim da música, aponta uma arma contra a própria cabeça, enquanto ainda tenta dançar. (proposta de substituição: a arma/disparo aparece em projeção)

Flagelo/violência/ironia/objetificação/carnavalização

Música: “A Plateia ainda aplaude, ainda pede bis. A plateia só deseja ser feliz...”
(Gonzaguinha) + samba

Referências: Cartas criativas do Jogo de Improvisação em tempo real: TAROT
CORPOLUMEN (O Diabo 15 – A Morte 13 – O Enforcado 12)

Cena 5 – O dançarino se coloca sob um recipiente com água, suspenso no palco e inicia um banho, tentando retirar o resto do pigmento prateado que ainda cobre sua pele.

Signos de resiliência, autoaceitação, reencontro, renascimento.

O trabalho termina durante esse banho.

Ficha Técnica

Concepção/criação: Leonardo Luz

Direção/criação/preparação: Daniela Guimarães

Dançarino/intérprete: Leonardo Luz

Concepção e *performance* musical: Ítalo Oliveira – DJ PIVOMAN

Cenografia e figurino: Ítalo Oliveira e Mirian Moreira

Iluminação: Leonardo Luz

Vídeo projeções:

Produção: Núcleo EUS

4. PRODUÇÃO INTELECTUAL

A FALTA DE REPRESENTATIVIDADE OU A INVISIBILIZAÇÃO DO CORPO NEGRO NA CENA DA DANÇA NO BRASIL.

Maria Luiza da Silva Meireles (UFBA)*

Leonardo Augusto Luz Alcântara Silva (UFBA)**

COMITÊ TEMÁTICO: Dança e Diáspora Negra: Poéticas políticas, modos de saber e epistemes outras.

RESUMO: Este artigo apresenta uma proposta de pesquisa que aborda a invisibilidade de artistas negras e negros na cena da dança no Brasil. Tem como objetivos fomentar a discussão sobre o tema e contribuir para a valorização destes sujeitos por meio de processos criativos que fortaleçam discursos de empoderamento étnico social com implicações sobre gênero, classe e raça na cena da dança brasileira. A pesquisa se justifica pela importância de um pensamento crítico, reflexivo e político acerca da representação étnico racial no contexto contemporâneo (MOREIRA, 2007) contribuindo para o fortalecimento desses artistas e da dança brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Representatividade. Corpo negro. Empoderamento. Lugar de fala.

Qual a relevância da discussão sobre raça no ambiente da dança?

Questões sobre visibilidade e representatividade do corpo/sujeito criador negro, na produção de dança na cidade de Salvador, são a seara sobre a qual me debruço nesta pesquisa.

Implicações acerca de raça, classe e gênero na produção cultural desta cidade – panorama dos festivais e eventos que utilizam o termo “contemporâneo” e o percentual (representatividade) dos corpos/sujeitos negros nessas programações, e o lugar (quando há) dessas participações. (são proponentes? Artistas criadores? Seus temas e questões são contemplados?) são as problematizações que pretendo abordar.

Ao ser estimulado a fazer, um exercício de “linha do tempo”, meu primeiro reflexo é cogitar, “o que quis” versus “o que posso” apresentar como trajetória, nesse espaço institucional, normativo e seletivo, no qual figuro artista/estudante/pesquisador. Isto está intimamente ligado a questões que trago comigo, antes mesmo de estar consciente delas. Envolvem elementos, alguns explícitos no meu estado de ser, na minha condição, como humano. Características das quais, socialmente, derivam estereótipos impulsionadores de preconceito e discriminação, que por sua vez são determinantes da condição social da maior parte da população brasileira.

Vale a pena lembrar que as implicações sociais aqui sugeridas (colonialismo, escravidão, racismo), são problemáticas já amplamente identificadas e discutidas, porém ainda não detecto que, do mesmo modo que fui feito herdeiro das mazelas destas questões, também o sejam como responsáveis, os que são herdeiros dos privilégios.

Assim, a principal tese dos que afirmam a existência de racismo institucional é que os conflitos raciais também são parte das instituições. Assim, a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou de indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos.

O que se pode verificar até então é que a concepção institucional do racismo trata o poder como elemento central da relação racial. Com efeito, o racismo é dominação. É, sem dúvida, um salto qualitativo quando se compara com a limitada análise de ordem comportamental presente na concepção individualista.

Assim, detêm o poder os grupos que exercem o domínio sobre a organização política e econômica da sociedade. Entretanto, a manutenção desse poder adquirido depende da capacidade do grupo dominante de institucionalizar seus interesses, impondo a toda sociedade regras, padrões de condutas e modos de racionalidade que tornem “normal” e “natural” o seu domínio.

No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade. (ALMEIDA, 2019, p. 27)

Quando proponho que há “invisibilização do lugar de fala do artista/criador negro na dança contemporânea do Brasil.” Estou dizendo que como corpo/sujeito/artista neste país, me percebo pouco visto/ouvido ou representado nos lugares de poder. Com isso, também estou afirmando que os espaços ocupados pelas ocorrências da chamada dança contemporânea, são espaços de poder?

Quando intenciono visualizar a atuação do artista/criador negro nos principais eventos da dança contemporânea do Brasil. Estou apontando o absurdo de discrepância, neste país obviamente negro, tendo em vista que “O grupo racial majoritário tem o poder simbólico de universalizar seus traços culturais e interesses setoriais [...]” (MOREIRA, 2007). No contexto da dança profissional brasileira esse poder é escancarado pela pouca presença de bailarinos (as) negros (as) em seus palcos e espaços performativos.

Este artigo apresenta uma proposta de pesquisa que aborda a invisibilidade de artistas, pessoas negras na cena da dança no Brasil. Tem como objetivos fomentar a discussão sobre o tema e contribuir para a valorização destes sujeitos por meio de processos criativos que fortaleçam discursos de empoderamento étnico social com implicações sobre gênero, classe e raça na cena da dança brasileira. A pesquisa se justifica pela importância de um pensamento crítico, reflexivo e político acerca da representação étnico racial no contexto contemporâneo (MOREIRA, 2007) contribuindo para o fortalecimento desses artistas e da dança brasileira.

Como artista negro com longa trajetória na dança, apresento tal temática nesta pesquisa introdutória no mestrado profissional em dança (PRODAN/UFBA), e a partir desse lugar de fala, motivado pela incômoda realidade em que vivemos (RIBEIRO, 2017). Cito aqui como exemplo Luiza Meireles, bailarina negra com 25 anos de atuação em Cias estatais de dança (Balé Teatro Castro Alves e Balé da Cidade de São Paulo), e uma das poucas artistas negras em cena por cias de dança com visibilidade no Brasil. E o próprio autor Leonardo Luz, bailarino negro com destacada atuação também como criador, produtor e diretor de dança, como exceções nesse espaço de exclusão e sub-representação do corpo negro no contexto da dança profissional no Brasil,

não por isso isentos das implicações que a vivência como sujeitos negra e negro impõe. São essas experiências que interseccionam raça, classe e gênero, e que apontam para o racismo estrutural existente na sociedade. (ALMEIDA, 2018)

A pesquisa da Luiza Meireles aqui citada, também desenvolvida no mestrado profissional PRODAN/UFBA, tem como objetivos tratar da invisibilidade de artistas negras e negros nas cenas de danças contemporâneas no Brasil, fomentar a discussão sobre o tema, contribuir para a valorização dos artistas interlocutores por meio de processos criativos que fortaleçam discursos de empoderamento étnico social com implicações sobre gênero, classe e raça na cena da dança brasileira, além de provocar a absorção pelo mercado local, regional e nacional desse grupo específico de artistas. Por esse enorme espaço de intersecção, sua presença e interlocução foram indispensáveis à realização deste trabalho.

Em um país com maioria da população autodeclarada preta, a ausência principalmente de mulheres negras nas cenas de danças no Brasil sugere implicações decorrentes da interseção entre raça e gênero nesse mercado. O Balé Teatro Castro Alves é o exemplo alarmante da ausência de dançarinas negras nas cenas e grupos de dança mais festejados do Brasil. Em 2019 o Balé do TCA conta com apenas duas bailarinas negras em cena nos seus espetáculos. Sediada em Salvador, cidade mais negra fora da África, a pouca representação de bailarinas negras na cena oficial de dança do estado da Bahia revela o racismo estrutural ainda negado por muitos no Brasil. (MEIRELES, 2019)

Dançarinos negros parecem encontrar menos resistência no mercado de cenas públicas e privadas de dança, já que são vistos em maior quantidade nesses elencos, mas ainda são utilizados em contextos que replicam e fortalecem o racismo presente na sociedade brasileira. “Estereótipos conscientes ou inconscientes podem motivar escolhas de pessoas acreditando estar agindo sem preconceitos [...]” (MOREIRA, 2007). Ainda assistimos com uma frequência constrangedora bailarinos negros serem reduzidos a corpos hiper sexualizados e objetificados em muitas obras artísticas em dança.

Nesse contexto, lançamos luz sobre variados questionamentos: corpos negros só estão autorizados a dançar danças afro-brasileiras para serem absorvidos pelo mercado de dança? (MEIRELES, 2019.) A falta de representatividade de corpos negros na cena de dança no Brasil fortalece o

entendimento equivocado de que não temos lugar nessa linguagem artística em seu universo profissional? O silêncio imposto sobre a questão da ausência de dançarinas pretas nas salas de dança do Brasil naturaliza e legitima o racismo estrutural existente nessas salas? (MEIRELES, 2019.) Qual é a relevância de se discutir raça no contexto atual da dança no Brasil? Há espaço para as questões do(a) artista/criador(a) negro no atual cenário/contexto da dança no Brasil?

Afirmamos a partir dessas questões, a importância do fortalecimento de um pensamento crítico, reflexivo e político referente a representação étnico racial na dança em um país que apresenta, entre seus objetivos fundamentais, construir uma sociedade livre, justa e solidária. A existência de um pensamento negacionista por uma parcela considerável da sociedade no que diz respeito ao alcance do racismo fundante dessa nação, torna a pesquisa ainda mais relevante.

Nossos argumentos poderão receber críticas de que mais uma vez estamos voltando à política identitária, que somos metafisicamente não sofisticados e politicamente retrógrados, uma crítica que também tem sido brandida da metrópole para as periferias da academia global. A crítica da política identitária tem mantido muitos “escravos” da acusação de um essencialismo político grosseiro e de falta sofisticação teórica. Acredito que a inclinação anti-identidade tão prevalente na teoria social hoje é outro obstáculo para o projeto de decolonização do conhecimento, uma vez que isso debilita nossa habilidade de articular o que está errado com a hegemonia teórica do Norte Global. Além disso, muitas pessoas envolvidas em movimentos sociais por justiça têm aceitado a ideia de que política identitária é algo diverso da luta de classes. Movimentos políticos baseados na identidade são por definição inclusivos em termos de classe, porém, mais do que isso, são vistos como sectários de uma agenda baseada em classes, como identidades propensas ao fetichismo, que apresentam identidades de modo essencialista e a-histórico, obscurecendo o fato de as identidades serem produtos históricos e capazes de mudanças dinâmicas. (ALCOFF, 2016, p.137 APUD RIBEIRO, 2017, p. 31).

A continuidade dos estudos sistemáticos desse tema se propõe a contribuir para a criação de estratégias de valorização e absorção dos artistas negros pelo mercado de trabalho em dança no Brasil e, dessa forma, contribuir

também para o fortalecimento da própria democracia brasileira.

Observando estatisticamente a constituição da população brasileira (IBGE), para comparação, cuja sociedade ostenta pujante produção cultural, com diversos eventos de difusão da dança como atividade artística profissional. Notamos que ainda sejam raros os artistas negrxs contemplados com a presença dos seus trabalhos nessas mostras. A exemplo, a Bienal SESC de Dança (2017), realizada na cidade de Campinas/SP, um dos mais importantes eventos de dança no país, em 11 dias de intensa programação, apresentou apenas 4 trabalhos propostos por criadores negros. Vivi, e estão registrados na minha trajetória, outros exemplos como este, em eventos semelhantes, ao longo destes mais de 25 anos de experiência profissional, este fato aponta ou sugere implicações entre raça e classe que segregam o espaço de circulação e visibilidade desses corpos-discursos. “O conceito de racismo institucional designa práticas institucionais que não levam necessariamente a raça em consideração, mas que mesmo assim afetam certos grupos raciais de forma negativa.” (MOREIRA, 2018). Voltando ao título deste trabalho poderíamos aqui apresentá-lo da seguinte forma: Há visibilidade do artista criador negro no contexto da dança?

Como sujeitos implicados nas delimitações da questão nos propomos então a investigar os espaços onde, como exemplificamos, o problema se aplica. Focalizando os eventos de difusão da dança profissional, as questões ainda se agravam por se tratar de eventos e companhias comumente financiados com dinheiro do poder público. Seguindo o raciocínio de lugar de fala (RIBEIRO, 2017) que em determinados seguimentos a experiência pessoal, aponta para o lócus social dos indivíduos, e a partir das análises da “Escrita de si: a alternativa dramática” para a produção de conhecimento (VERSIANI, 2008) acreditamos que a estratégia da autoetnografia se adequa como modo operante na criação e desenvolvimento deste trabalho. Também é essa a perspectiva que agrega outros artistas criadores no experimento “Mostra Etnografias Urbanas Subversivas”, em torno do fortalecimento dos discursos de empoderamento, de indivíduos pertencentes a grupos socialmente minorizados, através do processo

criativo, e que é uma ação de afirmação nesta pesquisa oferecendo/promovendo espaços de difusão deste discurso/corpo.

*Maria Luiza da Silva Meireles. mluizameireles@gmail.com Mestranda profissional em dança pela UFBA.

** Leonardo Augusto Luz Alcântara Silva (UFBA). leodluz30@gmail.com Mestrando profissional em dança pela UFBA.

Orientadora: Daniela B. Guimarães

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BITTENCOURT, Adriana M. **Novas Estruturas na Produção de Conhecimento em Dança**. ANDA. Salvador: UFBA, 2012.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. **Peles Negras, Máscaras Brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

LEPECKI, André. **Coreopolítica e Coreopolícia**. EUA: Tisch School of the Arts. New York University, 2012.

MOREIRA, Adilson José. **Privilégio e Opressão**. Revista Observatório Itaú Cultural. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

NAVAS, Cássia. In **Dicionário SESC, A Linguagem da Cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PAULA, Franciane S. **Evocações E Presenças Negras Na Dança Contemporânea Paulistana**. São Paulo: UNESP, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **O que nos torna mulheres? Os perigos de novas normatizações e a importância do caminho descontínuo**. Revista Observatório Itaú Cultural. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

RIBEIRO, Djamila. **O Que é Lugar de Fala?** São Paulo: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SALLES, Cecília A. **Redes de Criação: construção da obra de arte**. Vinhedo:

Ed. Horizontte, 2006.

SANTOS, Milton. **“Como é ser negro no Brasil”** (Entrevista). Portal GELEDÊS.

<https://www.geledes.org.br/como-e-ser-negro-no-brasil-por-milton-santos>

VERSIANI, Daniela B. **Escrita de si: a alternativa dramática**. XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. USP. São Paulo, 2008.

5. PRODUÇÕES FINAIS

5.1 Caderno Comentado: Diário Confessional

Essa pesquisa, que nasceu de tensionamentos a respeito da visibilidade que uma ou um, artista preta ou preto pode ter, gerou desde as suas primeiras ações uma quantidade enorme de registros, em sua maioria fotográficos, que dão materialidade e testemunho próprio sobre os olhares dos interlocutores desse processo. Com autores tão diversos quanto às oportunidades que tivemos de debater essas questões com outras e outros também artistas, que colaboraram com a produção, e ou se apresentaram em nossas mostras e demais atividades realizadas ao longo da pesquisa.



São registros de cena, flagrantes em momentos de variada ordem e estado, alguns muito informais e íntimos. Outros são intencionais declarações subversivas ao status vigente. Um manifesto caloroso, porém, resiliente, dos anseios por mudança, reconhecimento e espaço. Buscas por caminhos e modos de fazer que nos representem na integralidade e nos

reconheçam diversos.

Imagens que revelam aspectos do artista, que talvez as palavras não tenham abarcado em seus relatos, e comentadas em reflexão, representando assim uma revisão de percurso, amparada na memória e nos desdobramentos da pesquisa em sua fase de conclusão.

5.2 Solo “Quebra-Cabeça: Máscaras no Espelho”

“Quebra-Cabeça: Máscaras no Espelho” Inicialmente impulsionado por um processo de denúncia e protesto, que se configurava a partir de questionamentos e problematizações sobre a vivência do negro no Brasil, era também um recorte para essa mesma questão no espaço da dança.

Com motivações particulares óbvias (o fato de ser negro e profissional da dança), e por tanto autobiográfico, buscava explorações temáticas que tinham seus exemplos na minha própria experiência de vida, e nos apontamentos encontrados em diversos depoimentos públicos sobre esse assunto. Ganhou nova substância quando me encontrei com o universo das elaborações do Psicanalista e Filósofo martinicano Frantz Fanon(1925-1961) a respeito dos “processos de embranquecimento” e “alienação” (FANON,2008.), e confrontadas com recorrentes experiências pessoais de preconceito, solidão, relações afetivas e busca por afirmação, que também são temas abordados por Fanon (2008). São abordagens em constante construção e desconstrução, que encontram nessa condição de instabilidade o rastro das criações contemporâneas de dança.

Desde a ideia original, diversas revisões de ordem técnica e novas escolhas foram feitas, como ajustamento à abordagem dos temas. As parcerias e colaborações também se ampliaram. Para a apresentação que se dará como um dos resultados/entrega dessa pesquisa, mantenho a proposta de roteiro com 5 cenas e alguns elementos da estrutura cenográfica original, como o uso da pigmentação da pele e os bancos (descritos no roteiro já apresentado nesse memorial). Como principal mudança, destaco a posposta sonora da trilha, antes bastante sombria e a construção da cena final, que trabalhava o signo da morte e se transformou numa cena transição, redenção e alívio.

6. UM ÚLTIMO COMENTÁRIO “À GUIA DE CONCLUSÃO” E UM AGRADECIMENTO

Sobre a visibilidade que trabalho, e que termina, apesar do “discurso preto”, ou ponto de vista do grupo social racializado, sendo consumida pelo grupo social economicamente dominante e não racializado. Observo e reflito sobre o quanto o ensino universitário em seus sistemas e processos, produz “reflexos embranquecidos” em seus métodos e dialetos. E o quanto, ao nos propormos a nos aproximar da periferia, não estamos nós a aprender?

Reflito se não estamos nos aproveitando do que é produzido nas periferias e nos apresentando como articuladores dessa ponte. Num processo de apropriação, muito criticado, mas sempre renovado em suas estratégias de exploração, ou mesmo se, estamos reaprendendo a trabalhar nos reencontrando com a subversão que defendemos, porém num lugar “diferenciado”, a academia, com o único fito de obter espaço pessoal.

O que estamos desenvolvendo?

Os nossos trabalhos artísticos encontram eco ou são realmente representativos e bem percebidos nessa periferia?

Luto pra permanecer atento.

Será que não estamos somente trabalhando para carimbar o passaporte para o espaço do privilégio, com todos os seus acessos e tratamentos de exceção?

Entre outras coisas, essa dúvida, essa doentia e constante avaliação de conformidade atitudinal, tem acabado com as minhas energias... “Nessa época, desorientado, incapaz de estar no espaço aberto com o outro, com o branco que impiedosamente me aprisionava, eu me distanciei para longe, para muito longe do meu estar-aqui, constituindo-me como objeto.” (FANON, 2008, p.106)

Também me senti assim, e também assim reagi.

Encontro-me em muitos aspectos, afetado pelas muitas impressões deixadas pelas palavras de Fanon (2008). Patologicamente paranoico, frente a um

espelho que não me reflete. Esse emaranhado de questões são uma prova desse estado.

Lembrando aqui das minhas experiências de ingresso no “ensino superior”, e a quantidade de “fracassos” que apontam para experiências comuns às pessoas de pele negra nesse espaço. (RIBEIRO, 2018)

Porque a primeira vez que logrei ingressar na UFBA no ano 2000, fui o 2º colocado e não consegui me matricular. Uma entre muitas outras histórias de minha vida que antes de encontrar os interlocutores dessa pesquisa, pensava ser uma questão sobre minhas competências individuais ou meu estado de sorte. E tentava manter uma “imagem social” ainda ingênuo da ilusão que alimentava. Numa espiral de culpa que só responsabilizava a mim mesmo e me mantinha cego e manso com relação as estratégias racistas que me conduziam.

Ocorre que essa recordação (conhecimento corporalizado) impregnada como referência em todas as “minhas escolhas”, e já pondero que esse imenso e insistente uso de aspas, quer sim relativizar cada uma dessas expressões, se deu, relacionada à percepção de que nesse longo período, encontrei valiosos incentivadores (algo muito importante nesse contexto), entre as funcionárias e funcionários, pessoas pretas, em especial as mais velhas, em funções administrativas ou de manutenção nessa escola, que me acolhiam, incentivavam, orientavam e protegiam. Me permitiam resistir! E com imensa frustração percebo que já não me lembro de todos os seus nomes e como não havia me percebido da relevância, da importância e potência dessas pessoas na minha vida e trajetória até aqui. Encaro-as hoje com a reverência que dedico aos meus ancestrais e dedico aqui a elas e eles o meu reconhecimento agradecido!

Agradeço também ao feliz encontro desta turma da qual fiz parte, um grupo que me ofereceu o privilégio da partilha e do reconhecimento. Pessoas a quem dedico minha admiração e carinho, as quais me presentearam com conhecimento, força e incentivo. Serão sempre uma referência! Também aqui minha gratidão às professoras e professores, verdadeiros aliados, que pacientemente acompanharam essa trajetória, em especial à Profa. Dra. Beth Rangel e Profa. Dra. Daniela Guimarães, mais que orientadora, parceira e amiga que tantas vezes soube compreender e ajustar os dilemas desse processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Polén, 2019.

ALLEONI, Natália Vasconcellos. Tese de Mestrado "ENTRE RASTROS, LAÇOS E TRAÇOS: O CORPO, SUAS MEMÓRIAS E UM PROCESSO CRIATIVO EM DANÇA". Campinas/SP: UNICAMP, 2013

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.

BITTENCOURT, Adriana M. Novas Estruturas na Produção de Conhecimento em Dança. ANDA. Salvador: UFBA, 2012.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Tradução Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. Peles Negras, Máscaras Brancas. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HOOKS, Bell. Olhares Negros: Raça e Representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação – Episódios de Racismo cotidiano; Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEPECKI, André. Coreopolítica e Coreopolícia. EUA: Tisch School of the Arts. New York University, 2012.

MEIRELES, Tânia Mara Silva. Corporeidade na Dança: rastros e memória.

MOREIRA, Adilson José. Privilégio e Opressão. Revista Observatório Itaú Cultural. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

MOREIRA, Adilson José. O Que é Racismo Recreativo. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

NAVAS, Cássia. In Dicionário SESC, A Linguagem da Cultura. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PAULA, Franciane S. Evocações E Presenças Negras Na Dança Contemporânea Paulista. São Paulo: UNESP, 2016.

RIBEIRO, Djamila. O que nos torna mulheres? Os perigos de novas normatizações e a importância do caminho descontínuo. Revista Observatório Itaú Cultural. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

RIBEIRO, Djamila. O Que é Lugar de Fala? São Paulo: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Milton. “Como é ser negro no Brasil” (Entrevista). Portal GELEDÈS.

SOUSA, Neusa Santos. Tornar-se Negro: Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

Anexos

Artes da primeira e segunda edições da Mostra Etnografias Urbanas Subversivas

1ª MOSTRA ETNOGRAFIAS URBANAS SUBVERSIVAS

A 1ª Mostra Etnografias Urbanas Subversivas trás para o palco do Teatro Gamboa, trabalhos autorais de dança em interfaces com outras linguagens que abordam a temática negra e lgbtq+. Propõe o encontro e interação de artistas criadores que trabalham esses temas e suas intersecções, desenvolvendo uma rede de colaboração que construa visibilidade e circulação dessas obras e artistas.

FICHA TÉCNICA

Produção Geral: **Leonardo Luz**
 Produção: **Bruno Novais, Jordan Alves, Rose Nascimento, Vinicius Revolti**
 Designer Gráfico: **Bruno Novais**
 Assessor de Imprensa: **Vinicius Revolti**
 Artistas: **Bruno Novais, Dj Pivoman (Italo Oliveira), Jordan Alves, Leonardo Luz, Maiara Silva, Octa (Luana Cordeiro), Rose Nascimento, Vinicius Revolti**

ORGANIZAÇÃO:  APOIO:  

1ª MOSTRA ETNOGRAFIAS URBANAS SUBVERSIVAS

no teatro gamboa

A 1ª Mostra Etnografias Urbanas Subversivas trás para o palco do Teatro Gamboa, trabalhos autorais de dança em interfaces com outras linguagens que abordam a temática negra e lgbtq+. Propõe o encontro e interação de artistas criadores que trabalham esses temas e suas intersecções, desenvolvendo uma rede de colaboração que construa visibilidade e circulação dessas obras e artistas.

Dias: **13, 20 e 27**
de ABRIL
A PARTIR: **17H**

ARTISTAS ENVOLVIDOS:


bruno novais


dj pivoman


jordan alves


leonardo luz


maiara silva


octa


rose nascimento


vinicius revolti

+ convidados

ORGANIZAÇÃO:  APOIO:  

2ª MOSTRA ETNOGRAFIAS URBANAS SUBVERSIVAS

09 & 16

de novembro
Teatro Gamboa Nova

Bloco 1 a partir das 17h00

- **Sankofa** Direção/Intérprete: Luiza Tavares
- **Drag Muhanna Poc** Intérprete/Criador: Patrick C. de Jesus
- **Fuga** Direção/Intérprete: Raquel Souza
- **Encruza** Intérprete/Criador: João Petronílio
- **Negro Gato** Cia Mercado Negro: Coreografia: Pea Andrade
Intérpretes: Adam Freitas / Ian Peterson / Brisa Okun / Thaíse Reis.

Bloco 2 a partir das 18h30

- **PUTA Poesia**
Coletivo Arte no Buzu:
Poetas: Maiara Silva / Franca Mahim / Negro Rob
- **RG! corpo negro**
Coletivo LIGADO CORPO:
Intérpretes criadores: Bary Kardy / Andréia Oliveira / Fabio Santos
- **POC - Pretas, Ousadas e Contemporâneas**
Núcleo Eus
(Concepção/Direção: Bruno Novais)
Cod. região/Intérpretes: Daniel Dias / Eduardo Almeida / Patrick C. de Jesus / William Gomes

Produção Geral: **Leonardo Luz**
 Produção: **Bruno Novais, Jordan Alves, Vinicius Revolti**

Colaboradoras (Produção): **Luana Cordeiro, Luiza Tavares, Maiara Silva**
 Designer Gráfico: **Bruno Novais**
 Operação de Luz: **Juliana Mendonça, Izabel Alice**

Apoio: **Teatro Gamboa Nova, Dia Adia, Poesias, PRDXT/UFPA**

Publicação numa rede social do Núcleo EUS e desenhos incidentais do artista em momentos do processo de criação.



👍👍 Curtido por **bruno_novais** e outras 39 pessoas
nucleoos Finalizando a apresentação dos mediadores da residência artística "Masculinidaxs Negrxs: Produções Artística Subversivas", que faz parte da II Mostra Etnografias Urbanas [in] Rede 🍷

Conheçam Leonardo Luz!

• Graduado em Dança pela UFBA, Leonardo é Técnico em Dança pela Escola de Dança da Funceb. Atualmente cursa o Mestrado Profissional em Dança - PRODAN/UFBA, e é tutor do curso de licenciatura em dança EAD da UFBA (CAPES). Com 25 anos de experiências, entre dançarino/intérprete e professor de técnicas corporais em escolas, academias e projetos. Integrou em 2018/2019 o elenco do GDC - Grupo de Dança Contemporânea da Escola de Dança da UFBA, desenvolvendo espetáculos, performances e filmes, integrado ao grupo de pesquisa CORPOLUMEN, sob direção e coordenação de Daniela B. Guimarães. Leonardo desenvolve pesquisa cênica autoral abordando questões sobre a invisibilidade do corpo negro como artista/criador na dança contemporânea, e atua como produtor, performer, curador de projetos artísticos, e diretor. Integra também o Grupo Movimento Vertical que desenvolve performances cênicas aéreas que fusionam técnicas circenses, dança e teatro.



Desenhos e anotações de aula do artista.

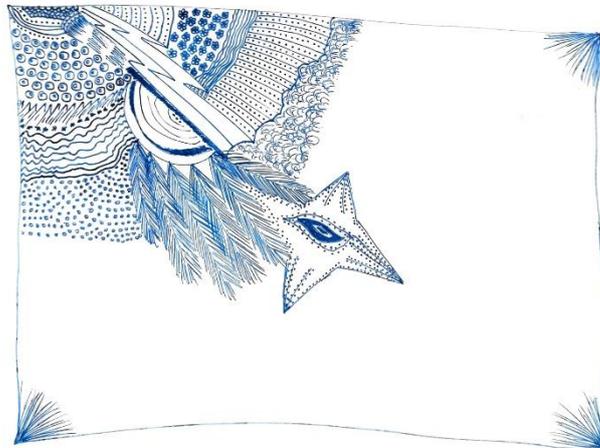


- Estudando: (desenho na Etnografia)
- Foco da observação: O desenho revela o olhar do observador assim como revela o que esse observador deixa de observar de acordo com sua observação (por qualquer que seja o motivo).
 - A produção da etnografia é também uma experiência criativa.
 - Aparece como você ilumina (usa) percepções de luz na realidade percebida e que está sendo graficamente descrita.



* Novas Mídias na Arte Contemporânea
Liuro

Aula 13 - Narrativa Etnográfica com Urbano
→ Arquivo do Antropólogo ou O Arquivo do Etnógrafo.
C.P. Doc → Arquivo História





Cena de abertura do solo “Quebra-Cabeça: Máscaras no Espelho” (work in progress)
Fotos: Rose Nascimento



I Mostra Etnografias Urbanas Subversivas. Equipe de produção, artistas e público.
Foto: Rose Nascimento

